

## **Prática de Violência Sexual por Mulheres**

Joana Carvalho

(Psicóloga)

A violência sexual perpetrada por mulheres é uma realidade negligenciada pelo mundo académico, social e legal. A secundarização da criminalidade sexual por mulheres resulta, fundamentalmente, de dois fatores. Por um lado, a construção social da mulher como “mãe”, como fonte de proteção e principal agente cuidador da criança, como ser fisicamente incapaz de agredir sexualmente, socialmente definida como “tendencialmente vítima”, ao inverso do homem, definido como “tendencialmente agressor” [1]. Por outro lado, a redução do conceito de violência sexual, àquela que consiste na penetração por pénis sem consentimento, remete a heterogeneidade das formas que constituem violência sexual para o desconhecimento coletivo. Muitas delas, emergem da coerção e manipulação verbal que impedem o livre consentimento (haja, ou não, penetração sexual). Aliás, esta perceção coletiva de que é impossível para uma mulher violar um homem ou rapaz, e que esta violação não resulta em trauma, tem sido partilhada por profissionais na linha da frente do combate à criminalidade sexual, desde profissionais de saúde, a profissionais do foro legal. As vítimas de violência sexual cometida por mulheres têm ficado sem acesso aos serviços de apoio jurídico e emocional [2], fruto de uma construção social milenar sobre quem são os agressores e quem são as vítimas.

Não obstante o facto que o género feminino constitui a principal classe sexualmente vitimizada (à luz da evidência, ainda ela, focada numa leitura binária do género), vejamos alguns números. Dados de prevalência apontam para que 1.6% a 20% de mulheres tenham ofendido sexualmente [3]. No âmbito da violência na intimidade, 18.5% a 35% dos homens foram coagidos sexualmente pelas suas parceiras [4, 5]. Olhando para o serviço de proteção de crianças dos Estados Unidos, que fez um mapeamento atento deste fenómeno numa escala temporal alargada, vemos que 1.5 milhões de mulheres referem ter sido abusadas sexualmente por outra mulher (aquando crianças) [6]; entre homens com história de vitimação sexual, 20% foi vítima de uma mulher [6]. Em Portugal, estudos efetuados numa lógica comunitária, que avaliam estratégias sexualmente agressivas utilizadas por mulheres estudantes universitárias para obterem interação sexual com homens (e.g., chantagem, manipulação verbal e psicológica, recurso a posição de autoridade), verificaram que 32.7% a 35.8% de mulheres

reporta ter utilizado este tipo de estratégia [7, 8]. As mulheres surgem ainda como co-ofensoras, auxiliando os seus parceiros na execução do crime sexual (e.g., propiciando o contexto para o abuso das crianças, inclusive dos seus filhos), ou angariando crianças e mulheres para fins de exploração sexual [1].

Relativamente à caracterização psicossocial destas mulheres, a evidência científica centra-se, essencialmente, em duas tipologias: 1) mulheres da comunidade, sem histórico de condenação e 2) mulheres condenadas por crime sexual. As primeiras, caracterizaram-se por elevado estatuto social, mas também por terem sido abusadas sexualmente no passado. No que respeita a aspetos do foro mental, apresentaram tendência para maior desajustamento emocional e impulsividade; já a extroversão (tendência para a socialização) relacionou-se com o uso de força física como estratégia de vitimação sexual do homem. A pressão dos pares bem como a presença de fantasias sexuais desviantes, a compulsividade sexual, ou a boa autoestima sexual, foram também fatores que emergiram na caracterização destas mulheres. Por fim, estas mulheres apresentaram ainda um leque de atitudes negativas face “ao homem”, parca confiança nas relações de intimidade e maior aceitação/cumplicidade face a comportamentos de coação sexual [cf., 9]. Quanto às mulheres com histórico de condenação, têm sido caracterizadas como oriundas de ambientes familiares aversivos e negligentes, vitimação prévia, seja sexual, física ou bullying, rejeição parental ou exposição a violência doméstica [cf., 9]. Nenhum destes fatores desculpa o ato de violência, mas permite um entendimento holístico capaz de informar questões de prevenção e intervenção no contexto da violência sexual perpetrada por mulheres.

Uma última palavra sobre as vítimas de violência sexual perpetrada por mulheres; esta forma de violência resulta em sofrimento psicológico significativo, traduzindo-se no decréscimo do rendimento escolar ou laboral, deterioração da saúde mental (incluindo comportamentos autolesivos e de suicídio); mais ainda, foi demonstrado que este efeito se traduziu em vítimas do género masculino, mas também, indiretamente, nos seus filhos [cf., 9]. Em suma, a violência sexual perpetrada por mulheres é real, é negligenciada, e, de modo semelhante a todas as formas de violência, os seus efeitos poderão perdurar através das gerações.

## Referências

1. Denov, S. (2003). Sexual scripts and the recognition of child sexual abuse by female perpetrators. *Journal of Sex Research*, 40, 303-314.

2. King, M, & Woolett, E. (1997). Sexually assaulted males: 115 men consulting a counseling service. *Archives of Sexual Behavior*, 26, 579-583.
3. McLeod, D.A. & Craft, M.L. (2015) Female sexual offenders in child sexual abuse cases: National trends associated with child protective services systems entry, exit, utilization, and socioeconomics. *Journal of Public Child Welfare*, 9: 399–416.
4. Chan, K.L., Straus, M.A., Brownridge, D.A., Tiwari, A., & Leung, W.C. (2008) Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female university students worldwide. *Journal of Midwifery and Women's Health*, 53: 529–537.
5. Brousseau, M.M., Hébert, M., & Bergeron, S. (2012) Sexual coercion within mixed-sex couples: The roles of sexual motives, revictimization, and re-perpetration. *Journal of Sex Research*, 49: 533–46.
6. Allen, C. (1991). *Women and men who sexually abuse children: A comparative analysis*. The Safer Society Press.
7. Carvalho, J. & Nobre, P.J. (2016) Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of Interpersonal Violence*, 31: 2539–55.
8. Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2021). Dynamic Risk Factors Characterizing Aggressive Sexual Initiation by Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(5–6), 2455–2477.
9. Carvalho, J., & Brazão, N. (2021). Women's sexual aggression against male intimate partners. In Todd Shackelford (Ed) (pp. 241-254), *The SAGE Handbook of Domestic Violence*. SAGE.